

# REFLEXÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM E O EMPODERAMENTO DA MULHER A PARTIR DA PRODUÇÃO DE CAFÉS ESPECIAIS – PARANÁ, BRASIL

César Andrés Alzate Hoyos<sup>1</sup>  
Luisa Fernanda Durán Montes<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste texto apresentamos reflexões sobre as principais transformações ocorridas no Norte Pioneiro do Paraná, a partir dos anos 1960-70, decorrentes de intempéries, do mercado internacional e da modernização da agricultura. O objetivo principal é mostrar mudanças na paisagem rural e a atuação da Associação das Mulheres do Café do Norte Pioneiro do Paraná (AMUCAFÉ), como uma das formas para o empoderamento da mulher na produção e comercialização de cafés especiais. Trata-se de um processo de pesquisa bibliográfica e empírica, cujo resultado principal é a compreensão e demonstração da importância institucional (atuação do Estado) junto à mobilização política, neste caso, de mulheres associadas entre si e envolvidas, historicamente, com a cultura do café.

**Palavras-chave:** Paisagem; identidade territorial; cafés especiais; empoderamento; Norte Pioneiro.

## REFLECTIONS ON LANDSCAPE TRANSFORMATIONS AND WOMEN'S EMPOWERMENT BASED ON THE PRODUCTION OF SPECIALTY COFFEES - PARANÁ, BRAZIL

**Abstract:** In this article, we reflect on the main transformations that have taken place in the North of Paraná since 1960-70, because of bad weather, the international market, and the modernization of agriculture. The main objective is to show changes in the rural landscape and the work of the Association of Coffee Women of the Northern Pioneer of Paraná (AMUCAFÉ), as a way of empowering women in the production and marketing of specialty coffees. This is a process of bibliographical and empirical research, the main result of which is to understand and demonstrate the institutional importance (the role of the state) alongside political mobilization, in this case of women who are associated with each other and historically involved in coffee growing.

**Key words:** Landscape; territorial identity; specialty coffees; empowerment; Northern Pioneer.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Unesp de Presidente Prudente (SP). Email: csalzate@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Unesp de Presidente Prudente (SP). Email: dumont094@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Uma das abordagens para entender o processo geo-histórico de um território se dá a partir da relação entre uma comunidade com a agricultura, pois permite diagnosticar as transformações da paisagem ao longo do tempo, deixando as suas marcas culturais através dos impactos da agricultura nos usos e ocupação do solo. Por isso, alguns lugares evidenciam processos produtivos efetivados por séculos que ainda continuam presentes como herança histórico-geográfica. Há, então, mudanças nos padrões espaciais de uso da paisagem como resultado das interações biofísicas, sociais, políticas e econômicas, que geram maneiras específicas de uso do solo e degradação ambiental.

Atualmente, no Brasil, o café é a segunda *commodity* com mais valor depois do petróleo. Os produtores de café, em sua maioria, são pequenos agricultores, sendo de 25 milhões de produtores familiares em mais de 12 milhões de propriedades, cultivando o café como principal atividade de geração de renda; uma quarta parte destas unidades produtivas são geridas por mulheres (OIC, 2019). No Brasil, são 946,1 mil mulheres que trabalham como produtoras, representando 19% do setor rural (IBGE, 2019).

A ocupação no Norte Pioneiro Paranaense foi, em grande proporção, motivada pela cultura do café, e não somente pela ação das companhias de capital inglês e brasileiro (CTNP – Companhia de Terras do Norte do Paraná e CMNP – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná) que transformaram as paisagens da região, gerando uma identidade em torno da cafeicultura. Durante os séculos XIX e XX, na região, chegaram pessoas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e do Nordeste, embora tenha havido problemas com a legalização das terras resultantes das posses irregulares, assim como a devastação das florestas e degradação do solo. Da mesma forma, foram dados incentivos estatais no chamado Norte Velho ou Pioneiro, o que permitiu o nascimento de importantes cidades como Jacarezinho e Santo Antônio da Platina. O incentivo estatal permitia obter terras a baixo custo com longos prazos de pagamento e, assim, os pequenos produtores ou também chamados colonos foram se deslocando para essa parte do estado antes da crise cafeeira em 1929, o que caracterizou o primeiro ciclo do café no Paraná. Posteriormente, o Norte Novo e o Norte Novíssimo tiveram uma ocupação dirigida pela CMNP (Cancian, 1981).

Contudo, na década de 1970, iniciou-se um ciclo agropecuário definido pela mecanização e modernização da agricultura, no qual foi preponderante a transição do cenário rural com atividades agrícolas para um cenário urbano com atividades industriais. Depois da queda na produção de grãos, houve um processo que permitiu a readaptação ante mudanças como o êxodo rural, o avanço de outras atividades agrícolas e pecuárias, e a compra/venda das propriedades, modificando o seu tamanho (Bernardino, 1999). Em 1975, a grande geada que acabou com milhares de cafezais no Norte do Paraná, junto com as políticas governamentais de eliminação do café por conta dos baixos preços, influenciou para que outras regiões aderissem ao cultivo de café. Os estados com maior quantidade de produtores de café são: Minas Gerais, Espírito Santo, Rondônia, Bahia, Paraná e São Paulo (IBGE, 2016).

O agronegócio do café foi passando ao longo do tempo por mudanças que influíram em toda a cadeia produtiva. Os pequenos produtores foram inseridos no comércio e ganharam visibilidade por meio das cooperativas e associações, o que ajudou a criar e dinamizar um segmento do consumo de café de melhor qualidade, que não tem como prioridade o preço e valoriza os atributos materiais e simbólicos

como degustação, certificação de origem, modos de produção orgânica etc. É importante destacar que, nas últimas três décadas, o tamanho da propriedade não tem sido uma variável fundamental na produção, já que a busca pela qualidade tem ganhado mais relevância dentro das exigências do crescente mercado, tanto externo quanto interno. Em vista disso, as novas condições do mercado e da produção possibilitam melhorar a imagem da qualidade do café brasileiro e, ao mesmo tempo, viabilizam a integração de novas áreas produtivas e outras menos relevantes, como é o caso do Norte Pioneiro Paranaense, já que é uma região em que o grão atingiu 64% da produção durante a década dos anos 1960 e, assim, o Paraná conseguiu produzir a metade do café nacional e, no contexto mundial, representou mais de 30% desta *commodity* (Orozco, 2018; Cancian, 1981). É a partir deste contexto sucintamente descrito, que identificamos e analisamos, a seguir, as principais transformações na paisagem do Norte Pioneiro a partir da cultura do café.

## A PAISAGEM NO NORTE PIONEIRO PARANAENSE E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

A paisagem se trata de uma construção mental desenvolvida pelas ideias e conceitos, retrata os padrões mentais e traços culturais. É um fundo (natureza) que incentiva a construção social e cultural por meio dos imaginários (Cauquelin, 2008). Em vista disso, “o homem reconhece e nomeia as paisagens, atribuindo significados ou mesmo criando símbolos, mas também as relaciona às suas emoções, recordações, memórias e sentidos” (Schneider; Fialho, 2015, p. 8). E, conforme Bertrand:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos dispartados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (Bertrand, 1972, p. 141).

A paisagem constitui-se da interação do objeto com o sujeito, ou seja, não existe a paisagem sem ninguém que possa olhá-la, ouvi-la e, sobretudo, reconhecê-la como parte da sua identidade, já que é a partir da história e da cultura que a comunidade constrói a sua forma de compreender a realidade. Por conseguinte, a paisagem pode ser interpretada como:

[...] uma realidade mutante e dinâmica, inscrita no tempo e no espaço. Ela porta traços da combinação momentânea de heranças produzidas por processos físicos e humanos. Mesmo que pareça instável, a paisagem é sempre trabalhada por dinâmicas de evolução que não entram forçosamente em ação todos ao mesmo tempo e segundo igual duração. Nesse sentido é importante as identificar como sendo marcas suplementares da interação natureza/sociedade capazes de melhorar a compreensão do jogo de forças com a origem de sua construção e de sua evolução. A consideração dessas dinâmicas se efetua de muitas maneiras. Alguns componentes informam diretamente sobre as dinâmicas temporais enquanto que as dinâmicas espaciais se devem pela colocação em evidência de suas interrelações (Passos, 2011, p. 45).

A paisagem do Norte Pioneiro Paranaense pode ser avaliada, conforme Yamaki e Frank (2018), como paisagem de preferência e pertencimento, quer dizer, “resultante de avaliação estética pelos indivíduos” e “a preferência espontânea por determinadas paisagens está relacionada às condições favoráveis de sobrevivência” (Yamaki; Frank, 2018, p. 40). No Norte Pioneiro Paranaense foram ocorrendo os deslocamentos populacionais, principalmente pela expansão dos grandes fazendeiros paulistas e alguns pequenos produtores de Minas Gerais, além do estímulo ao povoamento por parte de uma empresa de capital privado. Ao longo dos anos, essa paisagem, de preferência, foi se transformando em paisagem de pertencimento e, assim, permanece na região. Essa paisagem de pertencimento está relacionada com as práticas e vivências no local, o que permite construir um sentimento de apego. Assim, as paisagens simbolizam os valores, significados e crenças de uma população específica (Yamaki; Frank, 2018).

Com o intuito de compreender a paisagem desde outra perspectiva, salienta-se a definição de geossistema que “[...] resulta da combinação local e única de todos esses fatores (sistema de declive, clima, rocha, manto de decomposição, hidrologia das vertentes) e de uma dinâmica comum (mesma geomorfogênese, pedogênese idêntica [...])” (Bertrand, 1972, p.25). Desta forma, para Bertrand, o geossistema precisa de um tripé para obter uma análise mais completa. O primeiro tópico refere-se ao componente ecológico, conformado pela parte geomorfológica, hidrológica e climatológica que é caracterizada por serem elementos estáveis, seguidos pelo componente biológico, configurado pela vegetação, solo e fauna, sendo um conjunto que indica as transformações na paisagem pela intervenção humana. O último tópico está relacionado diretamente à ação antrópica que expõe as modificações dos elementos naturais e a suas dinâmicas a partir de interações próprias (Torres, 2003).

A área do Norte Pioneiro do Paraná (Mapa 1) está localizada na divisa com estado de São Paulo em uma área de transição entre o Segundo e Terceiro Planalto, conformada por 15.718 km<sup>2</sup>, 46 municípios e, aproximadamente, 556.502 habitantes (IBGE, 2010). Atualmente, é o sexto produtor de café do país. A compartimentação geomorfológica do Norte Pioneiro Paranaense está constituída, na maior parte, por serras e bacias na orientação Nordeste e Sudeste (Mapa 2). Desta forma, o relevo foi muito importante para a organização espacial e a produção de café nos solos férteis da terra roxa. No entanto, diferentes fatores determinaram o estabelecimento em um local específico, tais como estrutura do relevo, visibilidade, disponibilidade de água, acesso às estradas e o controle visual da plantação, pois esta podia se encontrar próxima da moradia ou um pouco afastada e, geralmente, num ponto elevado, já que os pontos baixos e desníveis eram usados para construção da casa (Frank, 2020).

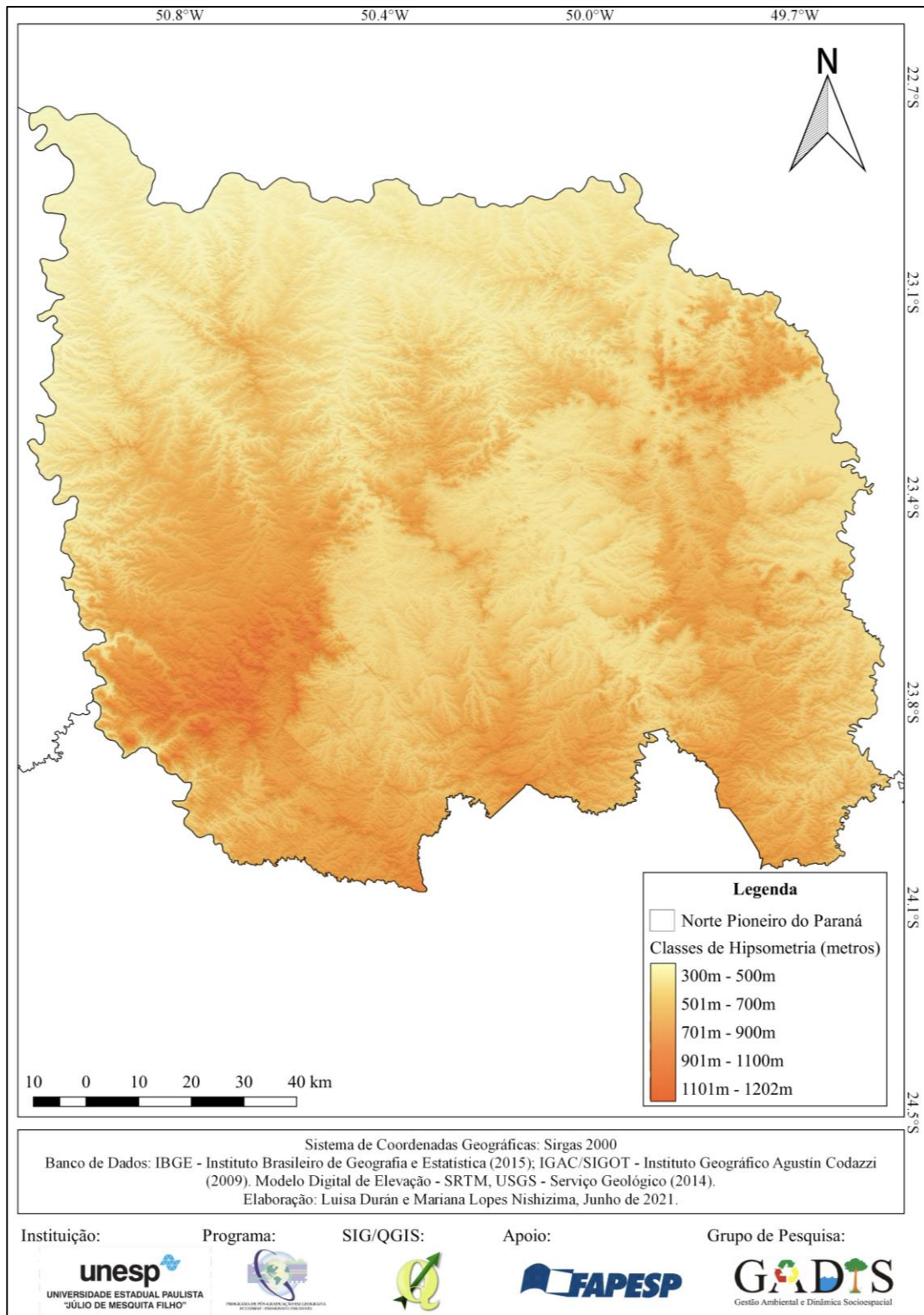
Mapa 1. Localização do Norte Pioneiro do Paraná



Fonte: Duran e Nishizima, 2021.



Mapa 2. Classes de Hipsometria no Norte Pioneiro do Paraná



Fonte: Duran e Nishizima, 2021.

No Mapa 2, ressalta-se que 64% do território do Norte Pioneiro paranaense apresenta altitudes entre 300 e 800 metros, o que permite perceber uma relação direta entre altitude e temperatura, assim como a precipitação e a cobertura florestal. Por exemplo, no Norte Pioneiro a ocorrência de geadas é mais acentuada nos fundos de vale. A região se caracteriza pela pouca declividade (a altimetria varia entre 300 e 1202 metros acima do nível do mar), porém os solos são profundos e se encaixam dentro da bacia sedimentar. O intemperismo acontece com maior facilidade, pois as formações rochosas são muito mais friáveis. Por outro lado, há áreas de elevadas temperaturas que conseguiram ter êxito com os plantios de café, algodão e cana-de-açúcar. Por conta da geomorfologia, o Paraná apresenta dois diferentes conjuntos de bacias hidrográficas: os rios que se dirigem ao oceano e aqueles que são afluentes do rio Paraná (, 1985).

O Norte do Paraná tem diferentes tipos de solo e destaca-se a terra roxa, produto da decomposição dos terrenos eruptivos, processo que apresenta níveis de fertilidade. Também, esta área apresenta, como descreve Müller (2001, p. 96-97) [...] grande extensão de terras arenosas, onde quer que ocorra o arenito, e os solos provenientes das formações sedimentares permo-carboníferas da área de Cinzas”, em que “[...] a terra-roxa legítima aparece principalmente nos espigões, enquanto a misturada é encontrada nos vales, nas áreas vizinhas às formações do Atlas do Estado do Paraná arenito Caiuá e na maioria das manchas de diabásio da região de Cinzas”, assim como a “[...] inversão da disposição, aparecendo a terra roxa nos vales, enquanto os espigões têm solos arenosos: fato de grande importância para a lavoura cafeeira”

O clima dominante no estado do Paraná é subtropical, conforme com a classificação de Stralher. Na área apresentada e segundo a classificação de Köppen, o clima é Cfa (Subtropical Úmido Mesotérmico), ou seja, verão quente e chuvoso, sem estação seca definida e médias térmicas de 22°C e precipitação em torno de 1200 mm a 1300 mm anuais. Soma-se a tudo a ocorrência de geadas ocasionais nos meses mais frios, chuvas de granizo e nevoeiros esporadicamente. As temperaturas mais elevadas são observadas ao longo do mês de janeiro e as temperaturas mais baixas ocorrem, predominantemente, ao longo do mês de julho, tempo de colheita no Norte Pioneiro Paranaense (Atlas do Estado do Paraná, 1985).

Desde meados do século XIX, o ciclo de preços tem dependido da trajetória do abastecimento brasileiro, mas ela está sujeita às condições climáticas, visto que o café é um produto agrícola altamente suscetível às condições ambientais e, portanto, a eventos como as geadas que ocorrem no Sul Brasil; secas ou chuvas excessivas em outras partes do mundo têm efeitos profundos e negativos no abastecimento de café, assim tornando o mercado imprevisível e altamente volátil. Desta forma, as geadas no Brasil (e às vezes a seca) reduzem a oferta e geram um ciclo de preços ascendente. A geada de 1975, no Brasil, destruiu a maior parte das plantações do estado do Paraná, fazendo com que os preços subissem para níveis recordes e levou os produtores de café como colombianos, africanos e asiáticos a estabelecerem novas parcelas ou melhorarem a gestão das já existentes na procura de um sistema agrícola mais produtivo e eficiente (Guhl, 2008).

Porém, em 1961, com a conformação do Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (Gerca), foi consolidada e diversificada a estrutura das zonas cafeeiras. Por exemplo, a cafeicultura se deslocou e se concentrou em regiões com melhores condições econômicas e edafoclimáticas (solo, relevo, altitude, latitude e índices pluviométricos) como Minas Gerais, incentivando o cooperativismo e o crédito rural (Brasil, 1961; Coguetto, 2014). Destaca-se que, em 1970, o Programa

de Racionalização da Cafeicultura Brasileira visava erradicar os pés de café menos produtivos dos mais importantes estados produtores (Paraná, São Paulo e Minas Gerais). Este programa incluía indenização e financiamento pela substituição de culturas.

Como consequência das diferentes geadas (1967, 1969, 1971 e 1975), a cafeicultura deixou de ser uma opção rentável para os produtores. Por esta razão, foi adotada uma política de estímulo de outras culturas como soja, cana-de-açúcar e trigo, baseada na superprodução de café e que possibilitou a modernização da agricultura (Moro, 1991). Desde 1960, o Paraná começou a ter visibilidade como produtor de soja em grão (a produção representou 1,5% da produção nacional), mas, em 1980, a produção de soja passou a equivaler a mais de 30% como consequência da execução dos planos de racionalização da cafeicultura e substituição de produção (Cogueto, 2014).

Desse modo, conforme Frank (2020), a paisagem do Norte Pioneiro é o resultado das seguintes condições: 1. Estabelecimento de redes de caminhos e atividades econômicas de apoio por indígenas e tropeiros; 2. Decretos de colonização, que definiram diretrizes para a efetivação das linhas de colonização; 3. Grandes fazendas e processos migratórios que redefiniram o aproveitamento do solo e o parcelamento, influenciando no desenho dos módulos rurais; 4. O traçado das ferrovias e o estabelecimento de pontos de apoio e estação, intimamente ligada aos decretos e políticas governamentais. Portanto, o povoador ou colono conseguia um lote “pequeno” e o parcelava seguindo os critérios técnicos para a cultura cafeeira, pois os ganhos com o café eram expressivos. O parcelamento do lote referia-se, comumente, às parcelas de café na alta vertente, pastagens e moradia nos fundos de vale (Torres, 2003).

As diretrizes adotadas pela CMNP (empresa brasileira, anteriormente conhecida como PARANÁ PLANTATION/CTNP, de capital inglês) consistiam em transformar algumas cidades em núcleos econômicos de maior relevância, distanciadas de 100 em 100 quilômetros. Assim, foram, subsequentemente, estabelecidos centros comerciais e abastecedores intermediários com uma distância entre um e outro de 10 a 15 quilômetros. Em torno das áreas urbanas foram instauradas faixas verdes que dividiam os sítios e estas podiam produzir alimentos para o consumo local, tais como hortifrutigranjeiros. Desta forma, a área inteira foi desagregada das estradas contíguas por toda a extensão dos espigões, o que facilitou o fracionamento do terreno em pequenos lotes (10, 15 ou 20 alqueires) tendo como característica a estrada de acesso na parte de frente e um ribeirão nos fundos. No pedaço mais alto e mais adequado para o cultivo de café, o produtor plantava na gleba, aproximadamente, 1.500 pés por alqueire. Na porção baixa seria construída a casa, consolidaria um quintal com horta e animais para a subsistência e a água seria captada dos poços ou do ribeirão (Passos, 2003).

Por outro lado, configurariam comunidade graças à localização das casas vizinhas perto das margens dos cursos d'água, o que ajudava no processo de mutirão na colheita do café. Assim, a comercialização e a venda da pequena produção de café eram feitas através de pequenos maquinistas que negociavam nas grandes cidades com empresas exportadoras, enquanto o grande fazendeiro, por seu volume de produção, conseguia comercializar diretamente o café nas grandes empresas de São Paulo e Santos. Ao longo do ano o pequeno produtor subsistiria consumindo e, ao mesmo tempo, vendendo outras culturas tais como arroz e milho que eram cultivadas entre as linhas do café, além de produtos hortifrutigranjeiros (Passos, 2003).



Atualmente, em alguns bairros rurais pode-se constatar as mudanças na organização e transformações da paisagem rural, visto que algumas pequenas e médias propriedades são resultados da divisão de glebas ou fazendas familiares. Por exemplo, no bairro Matão, em Tomazina (Foto 1), uma família de tradição cafeeira vinda de Minas Gerais dividiu o mesmo lote entre vários irmãos e, com suas esposas, continuaram com a herança da cafeicultura e, atualmente, estão envolvidos na produção de cafés especiais.

Foto 1. Lavouras de café e moradia no bairro rural Matão no município de Tomazina



Fonte: Autores, 2018

A identidade territorial resulta de diferentes fatores como a diferenciação econômica, ambiental e cultural dos espaços, que são sustentados pela mobilidade da população e migrações, construindo uma identidade múltipla que é ressignificada no decorrer do tempo. Pode-se reconhecer a maneira como esta paisagem cafeeira denota uma relação de poder, que inclui diferentes sujeitos de cada contexto (principalmente atores públicos e privados), bem como processos históricos de ocupação, possibilitando o estabelecimento de um grupo e a criação de uma cultura, que têm construído uma identidade no território e que atualmente é denominado Norte Pioneiro Paranaense (Figura 1). Isso quer dizer uma identificação cultural que se mantém com a lavoura cafeeira, mesmo com as suas transformações e novas representações, a partir de uma tradição familiar que se motiva da esperança de que na próxima safra tudo possa ser melhor quando as condições atuais são difíceis. Portanto, as práticas culturais no espaço representado são produto de uma identidade social que, por meio dos seus imaginários, colocam a cultura do café no centro das suas vidas, o qual faz com que, constantemente, sejam redefinidos e transformados os costumes no decorrer das gerações. Porém, ainda são conservadas especificidades como as técnicas na agricultura, o sistema de propriedade da terra, a construção das moradias e o trabalho familiar na lavoura (Durán, 2017).

Figura 1. Representação de uma propriedade cafeeira no Norte Pioneiro do Paraná



Fonte: Duran e Nishizima, 2018

Na figura anterior, são sintetizadas as características das propriedades no Norte Pioneiro do Paraná, na qual a produção está entre café e milho, além de algumas árvores frutíferas e a horta. Também, encontra-se a casa principal, o terreiro de café, uma estufa para a secagem dos grãos e o armazém dos produtos químicos de acordo com as normas dos certificados e dos selos para a produção de café especial. Ao redor do sítio, há árvores de araucária, típicas da região, e o terreno é plano com poucas elevações. O trabalho na propriedade é, geralmente, familiar e nos momentos de colheitas são feitos mutirões, no caso da AMUCAFÉ (Associação das Mulheres do Café do Norte Pioneiro do Paraná). A participação por parte de homens e mulheres é bastante ativa dentro da propriedade, com os cuidados do cafezal e a implementação das mudanças nos processos produtivos, que são direcionadas pelas mulheres a partir dos treinamentos com as instituições como IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná). As atividades são realizadas com uso de pequenos equipamentos, tanto motorizados quanto manuais (como enxada para poda, desbrota e controle de ervas daninhas, pulverizador costal, derriçadeira manual/motorizada de café ou em alguns casos colheitadeira, soprador, roçadeira, lavador de café, secador, entre outros) (Morais; Souza, 2017). Salienta-se que a maioria das produtoras apresentam tradição familiar com a cafeicultura, seja por meio do trabalho de seus pais ou avôs e, por conseguinte, se identificam com a frase: “nascemos embaixo de um cafezal”, reforçando sua identidade como produtoras de café.

De modo geral, a região do Norte Pioneiro tem uma área total de 840,14 hectares dedicados ao café, em uma média de 3,53 hectares por produtor. Em 2019, a produção total foi de 22.680 sacas beneficiadas de café, das quais 3.402 foram de café especial. Segundo dados do Departamento de Economia Rural da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (2020), no Paraná como um todo, a safra

de café *commodity* em 2020 atingiu 963 mil sacas de 60kg, produzidos em uma área total de 34.500 hectares. O Valor Bruto da Produção (VBP) do café, em 2019, foi de R\$ 390,3 milhões, o equivalente a 0,4% do total do estado e o preço médio da saca foi de R\$ 387,50. No ano de 2020, a produção brasileira de café atingiu 61,62 milhões de sacas de 60 kg e a produtividade alcançou 32,7 sacas/ha. O ranking dos seis principais estados produtores dos Cafés do Brasil são Minas Gerais, com 33,46 milhões de sacas de 60kg produzidas; em segundo lugar, Espírito Santo com 13,6 milhões de sacas. O terceiro maior estado brasileiro produtor é São Paulo, com 6,15 milhões de sacas; em quarto, Bahia com 4,13 milhões de sacas; Rondônia, em quinto lugar, com 2,43 milhões de sacas. Por fim, Paraná na sexta colocação com 937,6 mil sacas produzidas. (Embrapa, 2020).

Desde 1970, o Norte do Paraná vive um processo de grandes transformações na estrutura agrícola, que se manifestaram, notadamente, a partir das intensas geadas de 1969 e 1975, já evidenciadas, pois destruíram e dizimaram as plantações de café, passando-se da agricultura familiar, monocultura do café, para o agronegócio diversificado, especificamente para o binômio soja-trigo e pecuária. Além destas mudanças, é necessário destacar os fluxos migratórios, sobretudo entre 1950 e 1960, com a forte imigração de Minas Gerais, São Paulo e região Nordeste como mão de obra efetiva e, com a erradicação do café, começou uma fase de agricultura mecanizada (soja, milho e cana-de-açúcar) e pecuária extensiva, fato que produz uma diminuição na população rural (Kohlhepp, 2014).

Nos últimos anos, o Brasil tem sido o maior produtor mundial de café e responde por 30% do mercado internacional. Apesar das mudanças presentes no campo paranaense, de acordo com Priori, Pomari, Amâncio e Ipólito (2012), o café não desapareceu definitivamente na região, mesmo sem ser muito expressivo na receita estadual. Ressalta-se que o estado do Paraná, no ano de 2012, possuía 106 mil hectares de café, 13.000 produtores (64% de agricultura familiar), 70.000 empregos diretos e 21.000 empregos indiretos, e como estratégia para incentivar a produção foi introduzido o café adensado (método que diminui o espaço e o tamanho dos pés de café que dificultava o uso de tratores e colheitadeiras) nas pequenas propriedades (Priori; Pomari; Amâncio e Ipólito, 2012). Assim, têm se conformado grupos de produtores e produtoras que tentam fazer frente à imagem negativa do estado, pois tem reputação de não produzir café de qualidade. Portanto, alguns dos produtores têm entrado no nicho dos cafés especiais e tem se destacado em diversas feiras e concursos nacionais, além de ter conseguido exportar o grão como AMUCAFÉ.

## AMUCAFÉ: ENGAJAMENTO FEMININO NA PRODUÇÃO DE CAFÉS ESPECIAIS

AMUCAFÉ, que inicialmente tratava-se de “O Projeto Mulheres do Café do Norte Pioneiro do Paraná”, começou em 2013 pela iniciativa da EMATER (atualmente Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná junto ao IAPAR). O objetivo era dar acesso às mulheres no processo de qualificação para produzir café especial e incrementar a renda familiar, além de dar visibilidade ao trabalho feminino. Fazem parte da associação, aproximadamente, 250 produtoras em 11 municípios que formam 12 grupos.

No Brasil, aproximadamente, 19% das 63 milhões de sacas de café produzidas, em 2020, foram especiais (Associação Brasileira de Cafés Especiais,

2021; Martins, 2021). E, no Paraná, do total da produção, cerca de 20% são cafés especiais e seu custo de produção pode atingir 20% ou mais do que o café tradicional, mas o preço final de venda pode ser valorizado entre 50% e 60% (FANTIN, 2021).

A AMUCAFÉ simboliza o envolvimento da mulher com a cultura do café, pois, apesar de assumir funções importantes na propriedade, o conhecimento e a qualificação não chegavam até ela, já que os cursos têm sido ofertados, principalmente, para os homens. Por isso, a EMATER decidiu trabalhar a produção de cafés especiais com o público feminino que tem a capacidade de cuidar melhor dos cafezais. Além disso, já existia um movimento mundial de valorização do trabalho feminino na cafeicultura, como a Aliança Internacional das Mulheres do Café, e alguns países como a Austrália pagam melhor o café cultivado por mulheres. Assim, o IDR disponibiliza uma equipe multidisciplinar de 13 extensionistas para apoiar as mulheres (economistas domésticos, assistentes sociais, técnicos agrícolas e engenheiros agrônomos), permitindo que o trabalho não se limite à assistência técnica, senão, também, às questões como liderança. As verbas para o projeto das Mulheres do Café foram obtidas a partir dos convênios da EMATER com o Pro Rural, que trabalha conjuntamente com o Banco Mundial e, no ano de 2017, fizeram um convênio com a ANATER (Agência Nacional de Assistência Técnica) de café. Por isso, trabalham para que o café delas seja diferenciado e possam vendê-lo tanto no mercado interno quanto externo, desde que este o valorize.

A maioria das produtoras conta com sua história familiar relacionada ao cultivo de café e têm trabalhado na roça desde jovem. Além disso, elas têm feito cursos para melhorar aspectos da lavoura como poda, adubação, manejo integrado de pragas e doenças, ademais de aprender sobre gestão da propriedade, comercialização e degustação do café produzido. O grupo das mulheres tem participado de eventos como a SIC (Semana Internacional do Café) e concursos na FICAPE (Feira Internacional de Cafés Especiais do Norte Pioneiro do Paraná); nos diferentes Cup das Mulheres do Café do Norte Pioneiro e Café de Qualidade Paraná (Foto 2), e neste último, a cada ano duas ou três associadas ficam nas primeiras colocações. Em 2017, a ganhadora do primeiro lugar vendeu a saca de 60 quilos de café a R\$ 3 mil. Na época, a saca do café comum era vendida a R\$ 400,00. Atualmente, o preço que pode ser recebido pela saca de 60 quilos varia de R\$ 1.300,00 a R\$ 2.000,00, bem superior ao valor pago pelo café tradicional que está na faixa de R\$ 750,00 a saca. Como uma evolução do projeto, em 2019 foi criada a Associação das Mulheres do Café do Norte Pioneiro do Paraná (AMUCAFÉ) para organizar a produção e apoiar as agricultoras na comercialização, estreitando o relacionamento com o mercado de cafés especiais. A associação também compra parte da produção das agricultoras e comercializa o café torrado com a marca própria “Mulheres do Café” (Fantin, 2021).



Foto 2. Participação de AMUCAFÉ em diferentes concursos



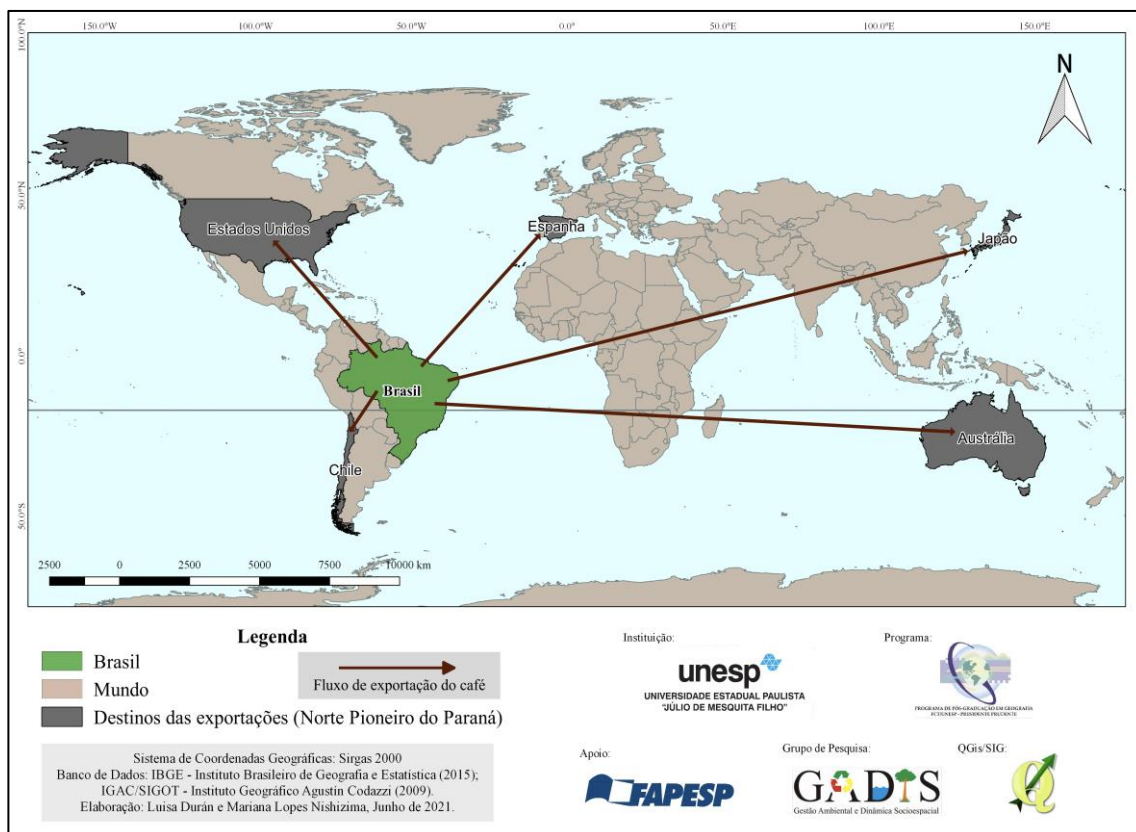
Fonte: Autores, 2018 e 2019

Desde 2015, AMUCAFÉ tem contado com parceria da exportadora e comercializadora *Capricornio Coffee* e já exportaram café especial do bairro rural Matão para Austrália, Estados Unidos e diversos países da Europa (Mapa 3). A maioria do café disponível no grupo com pontuação acima de 86 (SCAA) é comprado e comercializado pela exportadora. Além disso, a parceria inclui o programa *Four Seasons*, que dá assistência técnica às mulheres durante as quatro estações do ano. Algumas produtoras dedicam toda sua produção à venda para a *Capricornio Coffee*, aproximadamente, 20 sacas de café especial produzidas em propriedades em torno de 1, 3 até 5 ha.

Desta forma, é agregado valor ao café e tem dado conhecimento sobre o valor de venda do grão. Outras produtoras também se dedicam a limpar, torrar e moer o café, comercializando o produto em diferentes etapas de finalização. Sete, das 21 integrantes de Matão, vendem o produto já pronto para o consumo, e outras comercializam diretamente com cafeterias de Curitiba, Londrina e São Paulo (Paraná Agro, 2021). Em relação aos compradores, alguns são externos e, através das *traders* e exportadoras como a *Capricornio Coffee* (o maior comprador é da Austrália), e a empresa *Olam International*, foi lançada uma linha exclusiva das mulheres e foi comprado pela empresa japonesa Mitsubishi. Esse *container* vendido para o Japão foi a primeira exportação e contava com 400 sacas de duas produtoras que conseguiram produzir de acordo com o requerido. Uma das vantagens que obtém o grupo Mulheres do Café, no momento de fazer a venda, é que, pelo fato de serem mulheres, ganham 40% a mais no mercado, contribuindo para visibilizar o grupo nos níveis nacional e internacionalmente.

Ressalta-se que o papel da mulher para o desenvolvimento da agricultura familiar tem sido fundamental e, ao mesmo tempo, invisibilizado, já que “a discriminação contra as mulheres na sociedade capitalista não é o legado de um mundo pré-moderno, mas sim uma formação do capitalismo, construída sobre diferenças sexuais existentes e reconstruída para cumprir novas funções sociais” (Federici, 2017, p. 11).

Mapa 3. Exportações de café especial da AMUCAFÉ



Fonte: Duran e Nishizima, 2018

Neste caso, o papel principal da mulher tem sido restrito ao trabalho doméstico (os afazeres domésticos e os cuidados da família para a produção da força de trabalho) e a algumas atividades iniciais da produção de café e à horta de subsistência. Porém, quando a mulher tem a oportunidade de se empoderar das atividades dentro da cadeia de valor do café (produção, degustação, comercialização, torrefação, barismo etc.), as mudanças feitas por elas melhoram a gestão das propriedades e permitem avançar em temas como a produção de café especial, pois conseguem fazer as mudanças seguindo as indicações dos profissionais de apoio.

Conforme o depoimento de uma extensionista da EMATER (2018), o grupo das Mulheres do Café, nasceu a partir de um projeto da EMATER em 2013 (aproveitando a rede criada pelo SEBRAE), dando centralidade às mulheres, o que no começo gerou uma resistência por parte dos esposos e aos poucos foi conformando-se um coletivo, para destacar o trabalho das mulheres em um segmento que tem sido dominado por homens. Os resultados esperados com este projeto institucional são econômicos, pois querem que as mulheres participem da comercialização do café, principalmente no mercado interno que está apresentando um aumento do consumo de café especial, além de participar de eventos como a Semana Internacional do Café e concursos na FICAFE – Café de Qualidade Paraná, visitar outras experiências e fazer cursos para a melhora da lavoura (poda, adubação, manejo integrado de pragas etc.).

O Norte Pioneiro Paranaense, através da produção de cafés especiais, e algumas propostas de turismo rural, estão agregando valor e, também, de prestação de serviços como tentativa para obter mais renda e proveito desse nicho de



mercado. Assim, a AMUCAFÉ desenvolveu junto com o IDR-PR o projeto de agroturismo: o roteiro das mulheres do café agrega valor não só com o turismo voltado aos atributos edafoclimáticos, produção e degustação de cafés especiais, como também participando de todas as etapas da cadeia produtiva do café especial, promovendo o consumo local e se distanciando dos agentes intermediários, obtendo um reconhecimento regional e nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Norte Pioneiro Paranaense experimentou um *boom* produtivo, que fez crescer economicamente a região, mudou a paisagem através das práticas sociais e aumentou a dependência deste cultivo. As quedas prolongadas dos preços internacionais têm feito com que os produtores encontrem na produção de cafés diferenciados uma alternativa de renda, porém o produtor precisa aumentar a produção de café especial para receber ganhos através da mudança da estrutura produtiva.

As mulheres, a partir da sua associação e com o apoio do Estado, têm aumentado a sua participação nas atividades da cafeicultura com o decorrer do tempo, sobretudo, na parte da comercialização e degustação e, também, nas atividades da lavoura e na gestão da propriedade, podendo se reconhecer uma alta participação (250 mulheres cafeicultoras) com resultados satisfatórios. Deste modo, há uma proximidade cultural deste produto agrícola, quer dizer, a cafeicultura representa identidade, prática social e herança de um saber-fazer que está intrínseco no trabalho feminino, ganhando visibilidade e reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO, V. **Processo de ocupação do município de Paranavaí: a mobilidade da força de trabalho e a sua redistribuição espacial**. 1999. 305 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Campus Presidente Prudente, 1999.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Tradução Olga Cruz – **Caderno de Ciências da Terra**. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, n. 13, 1972.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo Agropecuário 2017: Resultados definitivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=P6&uf=00>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **A Geografia do café**. Rio de Janeiro: IBGE – Coordenação de Geografia, 2016.

BRASIL. **Atlas do Estado do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1985.

BRASIL. DECRETO nº 79, de 26 de outubro de 1961. Decreto do Conselho de Ministros. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 26/10/1961.

CANCIAN, N. **Cafeicultura paranaense-1900/1970**. Grafipar, 1981.

CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. Lisboa: Coleção Arte & Comunicação, Edições 70, 2008.

COGUETO, J. **Indicação geográfica e cafés especiais**: circuito espacial produtivo e círculos de cooperação dos cafés da Região da Serra da Mantiqueira de Minas Gerais. 2014. 166 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Campus Rio Claro, 2014.

DURÁN, L. **Território cafeeiro**: transformações da paisagem e configuração de um habitat urbano-rural no Departamento de Risaralda, Colômbia. 2016. 196 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Campus Presidente Prudente, 2017.

FANTIN, E. **Pelas mãos “delas”, café do Paraná se destaca pela qualidade em vez da quantidade**. Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/mulheres-fama-cafe-do-parana-quantidade-por-qualidade/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANK, B. **A paisagem vernacular no Norte Pioneiro PR Reconhecimento, Interpretação e Análise**. 2020. 123 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, 2020.

GUHL, A. **Café y cambio de paisaje en Colombia, 1970-2005**. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT – Banco de la República, 2008.

KOHLHEPP, G. **Colonização agrária no Norte do Paraná**: processos geoeconômicos e sociogeográficos de desenvolvimento de uma zona subtropical do Brasil sob a influência da plantação de café / Gerd Kohlhepp; Paulo Astor Soethe, org.; Daniel Marineschen (coord. trad.)... et al. (trad.). Maringá: Eduem, 2014.

MORAIS, L.; SOUZA, C. “A mulher faz a diferença”: a relevância do trabalho das mulheres na cafeicultura familiar no Norte Pioneiro do Paraná. *In*: ARZABE, C. et al. **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília: Embrapa, 2017.

MORO, D. **Substituição de culturas, modernização agrícola e organização do espaço rural no Norte do Paraná**: Rio Claro, 1991.

MÜLLER, N. Contribuição ao estudo do Norte do Paraná. **Geografia (Londrina)**, v.10, n. 1, p. 89-119, 2001.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ. **Relatório sobre o mercado de café – dezembro de 2018**. OIC: Londres, 2018. Disponível em: <https://www.ico.org/documents/cy2018-19/cmr-1218-p.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2019

PASSOS, M. Cenas e cenários paisagísticos da Raia Divisória São Paulo – Paraná –Mato Grosso do Sul. *In*: PASSOS, M. (Org.). **A raia divisória**: São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

PASSOS, M. **Por uma eco-história da raia divisória**: São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul. Maringá: Eduem, 2003.

PRIORI, A.; POMARI, L. R.; AMÂNCIO, S. M.; IPÓLITO, V. K. **História do Paraná**: séculos XIX e XX. Maringá: Eduem, 2012.

SCHNEIDER, L.; FIALHO, D. Identidade, território e paisagem no contexto do ordenamento territorial. *In*: Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2015, Santa Cruz do Sul. **Anais**.

TORRES, E. **As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem nas microbacias dos ribeirões**: Santo Antonio – SP, São Francisco – PR e Três Barras – MS. 2003. 302 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Campus Presidente Prudente, 2003.

YAMAKI, H.; FRANK, B. Ver e rever a paisagem: miradouros em Portugal. *In*: Cunha, L.; Yamaki, H. **Paisagem e território**. Londrina: UEL, 2018. 151 p., p. 35-44p.